

ESTADO NUTRICIONAL E INSATISFAÇÃO COM A IMAGEM CORPORAL EM UNIVERSITÁRIAS

Maria Clara Ribeiro de CARVALHO¹
Victória Martins VERGEIRO¹
Bárbara Grassi PRADO²

¹Discentes do Curso de Nutrição do Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG).

²Doutora em Saúde Pública. Docente do Curso de Nutrição do Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG).

RESUMO

Introdução: A imagem corporal é um conceito que cada indivíduo tem do seu corpo, ou seja, está diretamente relacionada com a imagem que é vista no espelho. Também, caracterizada pelos manifestos de sentimentos, seja ele positivo ou negativo, no caso de insatisfação podendo gerar distúrbios. De certa forma, imagem corporal nada mais é a resposta que temos e sentimos a respeito de nós. No entanto, é evidente a correlação de imagem corporal estar ligada as mulheres, as mais atingidas nessa nova era na busca do corpo perfeito. **Objetivo:** o presente estudo teve como objetivo analisar a frequência de insatisfação com a imagem corporal e o estado nutricional de universitárias de Várzea Grande-MT. **Métodos:** Trata-se de um estudo transversal, realizado com estudantes de diferentes cursos do sexo feminino, de uma universidade privada de Várzea Grande, MT, em 2017. Foi aplicado um questionário sobre os aspectos socioeconômicos e demográficos, foram aferidos peso e altura e classificados por meio do Índice de Massa Corporal e a circunferência da cintura. Para avaliar a predominância de riscos dos distúrbios de imagem corporal, foi aplicada a escala de silhueta de Stunkard. **Resultados:** Foram entrevistadas 220 estudantes com idade média de 24 anos. Quase 76% das entrevistadas eram solteiras, pouco mais de 78% não tinham filhos e 58,6% apenas estudavam. Quanto a classificação do IMC, 55,9% estavam eutróficas, 36,4% estavam com sobrepeso e 7,7% apresentavam magreza. Já na classificação de distúrbio de imagem 18,2% gostariam de ganhar peso, 60% gostariam de perder peso e apenas, 21,8% estavam satisfeitos com seus corpos. Cerca de 41% daquelas que gostariam de perder peso e 73% daquelas que gostariam de ganhar peso estavam com seu peso adequado, e quando avaliadas pelo risco de morbidades, as que gostariam de perder peso, 60,5% estavam sem risco e todas (100%) dos que gostariam de perder peso não possuíam risco de morbidades segundo avaliação da circunferência da cintura. **Conclusão:** A maioria das universitárias gostaria de perder peso, entretanto, a maior parte daquelas que gostariam de perder ou ganhar peso estavam com seu peso adequado, sem risco para comorbidades. Nota-se a necessidade de atuação de uma equipe multiprofissional, promovendo a auto aceitação e prevenindo possíveis transtornos alimentares.

Palavras-chave: Imagem corporal. Distúrbios. Universitárias.

ABSTRACT

Introduction: The body image is a concept that each individual has of his body, that is, is directly related to the image that is seen in the mirror. Also, characterized by the manifestos of feelings, be it positive or negative, in case of dissatisfaction can generate disturbances. In a way, body image is nothing more than the response we have and feel about us. However, it is evident that the correlation of body image is linked to women, the most affected in this new era in the search for the perfect body. **Objective:** The present study aimed to analyze the frequency of dissatisfaction with body image and nutritional status of university students in Várzea Grande-MT. **Methods:** This was a cross-sectional study carried out with students of different female courses, from a private university in Várzea Grande, MT, in 2017. A questionnaire was applied on socioeconomic and demographic aspects, weight and height were measured and classified by means of Body Mass Index and waist circumference. To assess the predominance of risks of body image disorders, the Stunkard silhouette scale was applied. **Results:** 220 students with an average age of 24 years were interviewed. Almost 76% of the interviewees were single, just over 78% had no children and 58.6% only studied. Regarding BMI classification, 55.9% were eutrophic, 36.4% were overweight and 7.7% were thin. Already in the classification of image disorder 18.2% would like to gain weight, 60% would like to lose weight and only, 21.8% were satisfied with their bodies. About 41% of those who would like to lose weight and 73% of those who would like to gain weight were at their proper weight, and when evaluated for risk of morbidities, those who would like to lose weight, 60.5% were risk free and all 100%) of those who would like to lose weight had no risk of morbidities as measured by waist circumference. **Conclusion:** Most college students would like to lose weight,

however, most of those who would like to lose or gain weight were at their proper weight, with no risk for comorbidities. It is noted the need of a multiprofessional team, promoting self acceptance and preventing possible eating disorders.

INTRODUÇÃO

O conceito de corpo saudável ou bonito vem sofrendo transformações desde o início do século XX, sendo o padrão imposto e aceitável para aquela época o de mulheres “mais cheias” com excesso de gorduras nas coxas, barrigas e em quadris. Estas eram consideradas o símbolo da mulher forte e poderosa, já as que aparentavam o corpo ao contrário do padrão eram julgadas pela aparência. Atualmente, os julgamentos permaneceram, mas estão invertidos em que se cultua o corpo magro. Hoje o culto ao corpo perfeito está cada vez mais presente na vida da população e quem mais sofre com os ataques são as pessoas que não correspondem a este e aparentam excesso de peso (BOSI *et.al.*, 2006).

Ainda, a formação e reflexão da opinião pública é diretamente influenciada pela mídia de massa, exemplificando como um meio de transmissor e reforçador de ideias, na qual reproduz a autoimagem da sociedade atualmente. Assim, há influência nos valores, normas e padrões incorporados pela era moderna, relacionado à insatisfação corporal como um dos principais impactos (ALVARENGA *et.al.*, 2010).

A busca excessiva do corpo mais belo e dentro dos padrões impostos pela mídia está diretamente relacionada aos distúrbios de imagem e transtornos alimentares, mais prevalentes nas mulheres jovens. Essa prática do “culto ao corpo” é considerada uma preocupação à saúde, pois o indivíduo, muitas vezes, não mede consequência para alcançar seus objetivos e, porventura, tornando-se escravos de uma imagem ilusória pregada por um veículo de comunicação que visa apenas estética e não ao bem-estar e saúde (OLIVEIRA *et.al.*, 2003).

Os sentimentos presentes na construção da imagem corporal, ou seja, a imagem formada na própria mente do indivíduo, podem estar associados à baixa auto estima e maior propensão aos transtornos psiquiátricos, como os transtornos alimentares (SAIKALI, 2004).

Desta forma, é necessário avaliar a insatisfação com a imagem corporal, que pode ser dividida em duas classes, sendo a primeira classe composta pelo perceptivo, referente à imagem formada na mente e a segunda classe como atitudinal, relacionada às emoções, sentimentos, pensamentos e ações. Contudo, a diferença da figura real e a idealização, pode influenciar negativamente o comportamento alimentar dos indivíduos,

gerando riscos à saúde, como os rituais de pesagem e comparação de seu corpo com o outro indivíduo, na qual acaba gerando julgamentos negativos em relação a si mesmo (ALVARENGA *et.al.*, 2010; CARVALHO *et.al.*, 2013).

Assim, o presente estudo teve como objetivo analisar a frequência de insatisfação com a imagem corporal e o estado nutricional de universitárias de Várzea Grande-MT.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo transversal com universitárias adultas, de diferentes cursos pertencentes a um Centro Universitário no município de Várzea Grande – MT, em 2017. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Univag (CAAE 2.548.347), cujos participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A coleta de dados foi realizada nos meses de agosto e setembro de 2017, por meio da antropometria e aplicação de um questionário contendo informações socioeconômicas e demográficas, e a escala de silhueta de Stunkard (STUNKARD *et.al.*, 1983).

A amostra foi selecionada por conveniência, com um número mínimo de 200 universitários, representando cerca de 5% do total de alunos da instituição de ensino, sendo abordados indivíduos que estavam chegando ou saindo das salas de aula nos períodos matutino e noturno.

A amostra inicial foi composta por 221 indivíduos, sendo que foram incluídos no estudo universitários adultos, do sexo feminino entre 20 e 59 anos. Uma gestante foi excluída do estudo, totalizando uma amostra de 220 universitárias.

Na caracterização do estado nutricional das universitárias, foram aferidas as medidas antropométricas de peso (kg), estatura (cm) e circunferência da cintura. Seguindo as recomendações da Organização Mundial da Saúde (WHO, 1995), para aferir o peso, utilizou-se uma balança digital com capacidade de 150 kg e precisão de 100g. A altura foi obtida por meio da utilização de um estadiômetro portátil com escala milimétrica de até 220 cm. As universitárias foram colocadas em posição ereta, descalços, pés unidos e em paralelo.

A partir do peso e estatura, foi calculado o Índice de Massa Corporal (IMC), dividindo-se o peso (kg) pela estatura (m) elevada ao quadrado e classificadas em baixo

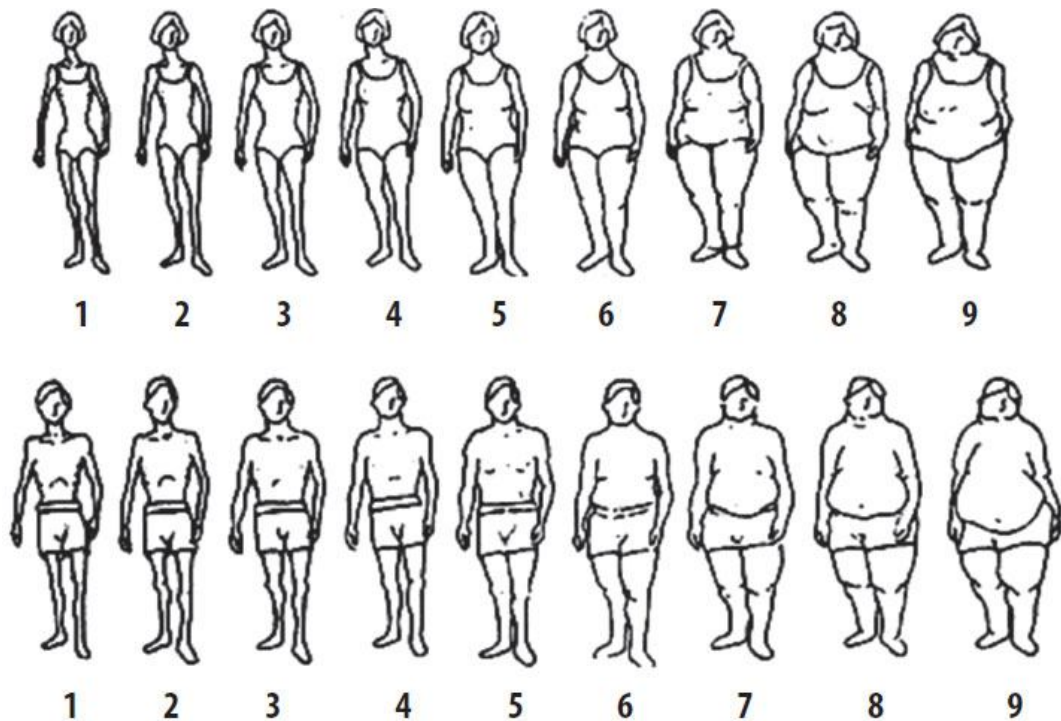
peso (IMC < 18,5 kg/m²), peso adequado (18,5 a 24,9 kg/m²) e excesso de peso (≥ 25 kg/m²) (WHO, 1995).

Para mensurar a circunferência da cintura, utilizou-se o ponto médio entre a última costela e a crista ilíaca com o uso de fita inelástica graduada em centímetros. As estudantes ficaram em posição ereta, com o abdome relaxado e os braços estendidos ao longo do corpo.

A leitura foi realizada ao final da expiração. As alunas foram classificadas em: sem risco para morbidades, quando apresentaram circunferência da cintura < 80cm e com risco aumentado para morbidades quando apresentaram ≥ 80 cm (LIMA *et.al.*, 2011).

Para avaliar a insatisfação com a imagem corporal, foi aplicada a escala de silhueta de Stunkard (STUNKARD *et.al.*, 1983). Na referida escala, as estudantes deveriam escolher a silhueta similar a sua aparência real (Percepção da Imagem Corporal Real – PICR) e também a silhueta que almejavam como aparência corporal ideal (Percepção da Imagem Corporal Ideal – PICI), conforme observado na Figura 1. Para classificar o grau de insatisfação corporal subtraiu-se o valor escolhido pela aparência real do valor escolhido para a aparência corporal desejada, podendo esse número variar de -8 a +8 (PEREIRA *et.al.*, 2009). Assim, as estudantes foram classificadas em insatisfação com a imagem corporal para perda de peso, quando os valores eram ≤ -1 e para ganho de peso quando os resultados eram $\geq +1$. Foram classificadas em satisfeitas com a imagem corporal quando o resultado foi zero.

Figura 1. Escala de silhuetas para análise da satisfação com a imagem corporal proposta por Stunkard *et.al.*



A tabulação e análise de dados foram realizadas utilizando-se o programa Microsoft Office Excel (2016) por meio de tabela de frequência absoluta e relativa. As variáveis socioeconômicas, demográficas e de estado nutricional foram avaliadas segundo a classificação de insatisfação corporal (perder peso ou ganhar peso).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra foi composta por 220 universitárias com idade média de 24 anos, a maioria estava cursando nutrição (39,5%; n=87), seguido de psicologia (14,5%; n=32) e fisioterapia (7,8%; n=17). Outros cursos totalizaram 38,2% (n=84). A maioria (75,9%; n=167) era solteira.

Quanto à classificação do Índice de Massa Corporal (IMC), 36,4% (n=80) estavam com excesso de peso e 7,7% (n=17) com baixo peso. Quanto à classificação da circunferência de cintura, a maioria (71,8%; n=158) não apresentava risco para morbidades. Já na classificação da insatisfação com a imagem corporal, a maioria estava insatisfeita (78,2%; n=172), sendo que 18,2% (n=40) gostariam de ganhar peso e 60% (n=132) gostariam de perder peso (Tabela 1).

Tabela 1. Distribuição percentual das universitárias segundo estado nutricional e insatisfação com a imagem corporal. Várzea Grande/MT, 2017.

Variáveis	n	%
Índice de Massa Corporal		
Baixo peso	17	7,7
Peso adequado	123	55,9
Excesso de peso	80	36,4
Total	220	100,0
Circunferência da cintura		
Sem risco para morbidades	158	71,8
Com risco aumentado para morbidades	62	28,2
Total	220	100,0
Classificação de satisfação com a imagem corporal		
Satisfeita	48	21,8
Gostaria de ganhar peso	40	18,2
Gostaria de perder peso	132	60,0
Total	220	100,0

O estudo de Bento *et al.* (2016) avaliou o estado nutricional de 174 universitárias adultas de diversos cursos de uma Universidade de Pernambuco e os autores observaram resultados similares ao presente estudo, em que 23% das estudantes apresentaram excesso de peso e 7,5% baixo peso. Miranda *et.al.* (2016) avaliaram 173 universitárias da cidade de Vitória da Conquista-BA e 15,5% estavam com excesso de peso e 3,5% com baixo peso. Já Koritar *et al.* (2010) analisaram 191 universitárias do centro-oeste e 12,6% estavam com excesso de peso e 14,7% com baixo peso.

Em relação à classificação da circunferência da cintura, Costa *et.al.* (2010), avaliaram 220 universitárias de diversos cursos de uma universidade de Florianópolis e 93,6% apresentaram circunferência de cintura menor que 80 cm, não apresentando risco de morbidades. Silva *et.al.* (2018), avaliaram 32 universitárias de uma universidade de Salvador e observaram que 28,1% tinham risco aumentado ou muito aumentado para morbidades. Vale ressaltar, que o excesso de peso e circunferência da cintura aumentados podem aumentar o risco de diversas doenças, como o diabetes, obesidade, doenças cardiovasculares, câncer, entre outros (FERREIRA *et al.*, 2006).

No estudo de Alvarenga *et al.* (2010), onde analisou 2402 universitárias de 37 instituições nas cinco regiões do Brasil também utilizando a Escala de Stunkard, os autores observaram que em média 64% as universitárias desejavam como ideal uma figura um número menor que aquele apontado como atual, ou seja, estavam insatisfeitas, desejando perder peso.

Já no estudo de Moreira *et al.* (2017) foi analisada a insatisfação com a imagem corporal em 143 universitárias de Montes Claros – MG e foi constatado que 71,9% das universitárias demonstraram insatisfação com a imagem corporal, sendo 28,7% gostariam de ganhar peso e 64,3 % de perder peso. Além disso, no estudo de Laus *et.al.* (2009) que analisou a insatisfação corporal de 127 universitárias de uma universidade de Ribeirão Preto- SP, com idade média de 20 anos, notou-se a alta incidência de insatisfação da imagem corporal, desejando perder peso, associada à grande prevalência de comportamento alimentar inadequado no grupo de alunas da área da saúde. Sendo que 78,1% das universitárias que compõem esse grupo demonstraram estar em seu peso adequado.

A Tabela 2 descreve as variáveis de estado nutricional segundo a classificação de satisfação com a imagem corporal entre as universitárias e assim, nota-se que entre as 48 universitárias satisfeitas com a imagem corporal, 10,4% (n=5) estavam com baixo peso e 18,8% (n=9) apresentavam com excesso de peso segundo o IMC. Sobre os riscos para morbidades segundo a circunferência da cintura, 91,7% (n=44) não apresentavam riscos para morbidades. Entre as 132 universitárias que gostariam de perder peso, 46,2% (n=61) apresentavam estar em seu peso adequado e 43,9% (n=58) estavam com risco para morbidades. Entre as 40 universitárias que gostariam de ganhar peso, somente 22,6% (n=12) estavam com baixo peso e o restante com peso adequado. Segundo a classificação de circunferência da cintura, todas estavam sem risco para morbidades.

Tabela 2. Descrição das variáveis de estado nutricional segundo a satisfação e insatisfação com a imagem corporal em universitárias. Várzea Grande-MT, 2017.

Variáveis	Satisfeita	Perder peso	Ganhar peso
	% (n)	% (n)	% (n)
Índice de Massa Corporal			
Baixo peso	10,4 (5)	0,0 (0)	22,6 (12)
Peso adequado	70,8 (34)	46,2 (61)	72,6 (28)
Excesso de peso	18,8 (9)	53,8 (71)	0,0 (0)
Total	100,0 (48)	100,0 (132)	100,0 (40)
Circunferência da cintura			
Sem risco	91,7 (44)	56,1 (74)	100,0 (40)
Com risco aumentado	8,3 (4)	43,9 (58)	0,0 (0)
Total	100,0 (48)	100,0 (132)	100,0 (40)

Quanto à satisfação com a imagem corporal, Lopes *et al.*, (2017) avaliaram 90 universitárias do Piauí, com idade média de 21 anos e observaram que 27,8% das universitárias estavam satisfeitas com a imagem corporal, sendo que somente 61,2 % das 90 universitárias estavam com seu peso adequado. Além disso, 33,3% apresentaram insatisfação por baixo peso e 38,9% por excesso de peso.

Já no estudo de Guimarães (2018) feito em Caxias do Sul com 164 universitárias, com idade média de 27 anos, ao analisar a insatisfação corporal delas constatou que 7,9% gostaria de ganhar peso e 69,4% gostaria de perder peso. Quanto relacionado a satisfação corporal apenas 22,6% das estudantes demonstraram estar felizes com o corpo, sendo que no total 65,2% das universitárias foram classificadas com seu peso adequado.

Quanto à insatisfação com a imagem corporal, desejando-se a perda de peso. Costa *et.al.*, (2010) mostraram resultados similares ao presente trabalho, onde analisou 220 universitárias de Santa Catarina, sendo que 53,5% das universitárias que apresentaram estar em seu peso adequado, mostraram estar insatisfeita com o corpo. Constatou, também, que 72,3% das universitárias da pesquisa apresentaram estar em seu peso adequado,

Já no estudo de Maia *et al.* (2018) os autores avaliaram 52 universitárias do Ceará e um dos métodos de avaliação foi o Índice de Massa Corporal (IMC). Constatou-se que 6,2% das universitárias estavam com insatisfação por baixo peso e 20,8% apontaram como insatisfeitas por excesso de peso. Contudo, cerca de 63,5% das estudantes apresentaram IMC dentro dos padrões considerados adequados. Sugerindo

assim, um episódio clássico de superestimação de peso corporal por parte das universitárias.

Em relação à insatisfação com a imagem corporal para ganho de peso, Guimaraes (2018) estudou 164 universitárias e constatou que ao avaliar a insatisfação corporal 7,9% das universitárias gostariam de ganhar peso, apenas 3,0% estavam com baixo peso.

Em análise geral, nota-se que há uma parcela da população insatisfeita com a imagem corporal e que, segundo o IMC e circunferência da cintura, não representam riscos às morbidades. A insatisfação com o próprio peso, com a imagem corporal, juntamente com a autocrítica aumentam o risco de transtornos alimentares, os quais, muitas vezes passam despercebidos até chegar a um estágio mais grave. (ALVARENGA *et al.* 2010)

Os resultados mostram uma grande insatisfação com o corpo e uma vontade por parte das universitárias de querer um corpo que para elas pode não ser saudável. Isso é preocupante, principalmente por essa classificação estar diretamente ligada a doenças como anorexia, bulimia e outros transtornos alimentares que trazem diversos problemas para o indivíduo acometido por elas (GUIMARAES, 2018)

Assim, nota-se a necessidade da atuação de uma equipe multiprofissional, com nutricionistas, médicos, psicólogos e educadores físicos desde a infância, promovendo a autoaceitação, autocuidado e evitando assim agravar esta insatisfação com a imagem corporal e possíveis transtornos alimentares.

Seria interessante uma intervenção por parte da Universidade em ajudar a mudar essa realidade. Essa intervenção pode ser através de palestras ministradas por professores da própria instituição para todos os alunos, relatando os riscos à saúde por meio de práticas inadequada de perda de peso e transtornos alimentares gerado pelo os mesmo. Pois esses distúrbios alimentares e insatisfação com a autoimagem pode acontecer também com os homens.

CONCLUSÃO

A maioria das universitárias que foram entrevistadas era solteira, não tinha filho e só estudava. Quanto à classificação do IMC, 55,9% foram classificadas peso adequado, 36,4% excesso de peso e 7,7% baixo peso. Já em relação a insatisfação com a imagem corporal 18,2% gostariam de ganhar peso, 60% gostariam de perder peso e apenas 21,8% estavam satisfeitos com seus corpos. Sendo que, cerca de 41% daquelas

que gostariam de perder peso e 73% daquelas que gostariam de ganhar peso estavam com seu peso adequado, segundo a classificação do IMC.

Ficou evidente que 78,2%, mesmo estando em seu peso adequado, estavam insatisfeitas com a autoimagem, sendo que a grande maioria gostaria de perder peso e desejava ter um corpo menor do que o seu atual, de acordo com a escala de silhueta de Stunkard.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIAS

ALVARENGA M. S.; PHILIPPI S. T.; LOURENÇO B. H.; SATO P. M., SCAGLIUSI F.B. Insatisfação com a imagem corporal em universitárias brasileiras. **J bras.psiquiater**, v.59, n.1, p. 44-50, 2010.

ALVARENGA M. S.; DUNKER K. L.; PHILIPPI S. T.; SCAGLIUSI F.B. Influência da mídia em universitárias brasileiras de diferentes regiões. **J Bras Psiquiatr**. v.59, n.2, p.111-118, 2010.

APPOLINÁRIO J. C. Transtornos Alimentares. **Revista brasileira de Psiquiatria**. v.22, p.28-31, 2000.

BENTO K. M.; ANDRADE K. N. D. S.; SILVA E. I. G. Transtornos Alimentares, Imagem Corporal e Estado Nutricional em Universitárias de Petrolina-PE. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**. v. 20, n.3, p. 197-202, 2016.

BOSI M. L. M.; LUIZ R. R.; MORGADO C.M. C.; COSTA ML. S. CARVALHO RJ. Autopercepção da imagem corporal entre estudantes de Nutrição: um estudo no município do Rio de Janeiro. **Rev. Scielo**, v.55, n.2 p. 109, 2006.

CARVALHO, P. H. B.; FILGUEIRAS, J. F; NEVES, C.M; COELHO F.D; FERREIRA, M.E.C. Checagem corporal, atitude alimentar inadequada e insatisfação com a imagem corporal de jovens universitários. **J. bras. psiquiatr**. v.62. n.02. p. 108-114. 2013.

COSTA. L. C. F.; VASCONCELOS F. A. G. Influência de fatores socioeconômicos, comportamentais e nutricionais na insatisfação com a imagem corporal de universitárias em Florianópolis, SC. **Revista Brasileira de Epidemiologia**. v.13, n.04, p.665-676, 2010.

FERREIRA M. G.; VALENTE J. G.; REGINA MARIA VERAS GONÇALVES SILVA R. M. V G.; SICHIERI R. Acurácia da circunferência da cintura e da relação cintura/quadril como preditores de dislipidemias em estudo transversal de doadores de sangue de Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. **Rev. Cad. Saúde Pública**, v. 22, n. 2, p.307-314, 2006.

GUIMARÃES I. C. T. Estado nutricional, avaliação de transtornos alimentares e autoimagem corporal em universitárias do rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento**. v.12, n.70, p.196-204, 2018.

KESSLER A. L., POLL F. A. Relação entre imagem corporal, atitudes para transtornos alimentares e estados nutricionais em universitárias da área da saúde. **Rev. J. Bras Psiquiatr.** v.67, n.2, p.118-125, 2019.

KORITAR P.; ALVARENGA M.; PHILIPPI S. T. Consumo adequado de alimentos: qual o conceito das universitárias brasileiras?. **Rev. Bras Nutr Clin**, v.2, n. 25, p.93-101, 2010.

LAUS M. F.; MOREIRA R. C. M.; COSTA T. M. B. Diferenças na percepção da imagem corporal, no comportamento alimentar e no estado nutricional de universitárias das áreas de saúde e humanas. **Rev. Psiquiatr RS**, v.31, n.3, p.192-196, 2009.

LIMA C.G.; BASILE L.G.; SILVEIRA J.Q.; VIEIRA P.M.; OLIVEIRA M.R.M. Circunferência da cintura ou abdominal? Uma revisão crítica dos referenciais metodológicos. **Rev. Simbio-Logias**, v.4, n.6, p.108-31, 2011.

LOPES M. A. M.; PAIVA A. A.; LIMA S. M. T.; CRUZ K. J. C.; RODRIGUES G. P.; CECÍLIA MARIA CARVALHO C. M. R. G. Percepção da imagem corporal e estado nutricional em acadêmicas de nutrição de uma universidade pública. **Rev. Demetra**, v.12, n.1, p. 193-206, 2017.

MAIA R. G. L.; FIORIO B. C.; ALMEIDA J. Z.; SILVA F. R. Estado nutricional e transtornos do comportamento alimentar em estudantes do curso de graduação em nutrição do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, Ceará, Brasil. **Rev. Demetra: alimentação, nutrição & saúde** . v.13, n.1, p.135-145, 2018.

MIRANDA A. S.; CASTRO J. S.; SANTANA R. F. Perfil Nutricional e Alimentar de Universitárias do Sudoeste da Bahia. **Rev. Uniciências**, v. 20, n. 1, p.39-43, 2016.

MOREIRA D. E.; PINHEIRO M. C.; CARREIRO D. L.; COUTINHO L. T. M.; ALMEIDA K. T. C. L.; SANTOS C, A.; COUTINHO W. L. M.; RICARDO L. C. P. Transtornos alimentares, percepção da imagem corporal e estado nutricional: estudo comparativo entre estudantes de nutrição e de administração. **Rev. RASBRAN - Revista da Associação Brasileira de Nutrição**. v. 8, n. 1, p. 18-25, 2017.

OLIVEIRA F. P.; BOSI M. L. M.; VIGÁRIO P.S.; SILVA R. Comportamento Alimentar e imagem corporal em atletas. **Rev. brasileira de medicina do esporte**. v. 09, n.6, p.348-356, 2003.

SAIKALI C. J.; SOUBHIA C. S.; SCALFARO B. M.; CÓRDAS T. A. Imagem corporal nos transtornos alimentares. **Rev. psiq. Clin**, v. 31, n.4, p. 164-166, 2004.

SILVA L. R.; FONSECA M. C. P.; LIRA C. R. N.; ASSIS B. C.; ALONSO C. M. P. Estado Nutricional e Estilo de Vida de Estudantes de um Restaurante Universitário da Cidade de Salvador - BA, Brasil. **Revista Internacional em Língua Portuguesa**, n.33, p. 131-146, 2018.

ULGUIM F.; RENNER J. D. P. Risco para doenças cardiovasculares, em trabalhadores de um hospital de ensino do rs: análise a partir da circunferência de cintura e relação cintura-quadril. **Seminário científico do programa de pós-graduação de promoção a saúde**. v.1, n.1, 2015.

WHO - World Health Organization. **Physical Status: The Use and Interpretation of Anthropometry.** Report. Geneva. 1995. (WHO - Technical Report Series, 854)